



PROJETO NATUREZA NOSSA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Júlia Schneider

Universidade Federal de Santa Catarina
juschneider94@gmail.com

Patrícia Maria Schubert Peres

Universidade Federal de Santa Catarina
pmschu@hotmail.com

Camila Klein

Universidade Federal de Santa Catarina
kleincamila.ck@gmail.com

Denise Silvestrin

Universidade Federal de Santa Catarina
denise.silvestrin@gmail.com

Máira Longhinotti Felipe

Universidade Federal de Santa Catarina
mairafelippe@gmail.com

Natanna Taynara Schütz

Universidade Federal de Santa Catarina
natannataynara@gmail.com

Bettieli Barboza da Silveira

Universidade Federal de Santa Catarina
bettieli.bs@gmail.com

Ariane Kuhnen

Universidade Federal de Santa Catarina
ariane.kuhnen@gmail.com

Resumo

A ação de extensão teve como objetivo incentivar o uso de espaços verdes de lazer por pais e crianças como estratégia para a promoção de saúde e bem-estar. Para isso, o projeto atuou em duas frentes: realização de oficinas no Parque Ecológico Municipal Professor David Ferreira Lima (Florianópolis/SC), e difusão de informação por canais de internet. As atividades foram realizadas entre abril de 2016 e março de 2017 e envolveram 80 participantes nas atividades práticas, sendo 41 crianças; e atingiu 5.648 pessoas através dos conteúdos publicados em uma rede social e na página do Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC. Considera-se que o projeto alcançou os objetivos de sensibilização e disseminação da temática relativa aos benefícios da natureza para o desenvolvimento humano, a interação entre as pessoas e a conexão com a natureza.

Palavras-chave: Brincar ao Ar Livre. Criança. Psicologia Ambiental.

OUR NATURE PROJECT: AN EXPERIENCE REPORT

Abstract

This extension activity aimed to encourage the use of green leisure spaces by parents and children as a strategy for the promotion of health and well-being. From this purpose, the project worked in two fronts: realization of workshops in the Ecological Municipal Park Professor David Ferreira Lima (Florianópolis) and diffusion of information through Internet channels. The activities were carried out between April 2016 and March 2017 and involved 80 participants — including 41 children — in practical activities. The project also reached 5.648 people through the contents published in a social network and in the page of the Environmental Psychology Laboratory at UFSC. It is considered the project has achieved the objectives of awareness and dissemination of the theme about the benefits of natural environments for human development, interaction between people and connection with nature.

Keywords: Outdoor Play. Child. Environmental Psychology.

PROYECTO NATURALEZA NUESTRA: UM RELATO DE EXPERIENCIA

Resumen

La acción de extensión tuvo como objetivo incentivar el uso de espacios verdes de ocio por padres y niños como estrategia para la promoción de salud y bienestar. Por eso, el proyecto actuó en dos modos: realización de talleres en el Parque Ecológico Municipal Profesor David Ferreira Lima (Florianópolis), y difusión de información por canales de internet. Las actividades se realizaron entre abril de 2016 a marzo de 2017 y há implicado 80 participantes en las actividades prácticas, siendo 41 niños; alcanzó 5.648 personas a través de los contenidos publicados en una red social y en la página del Laboratorio de Psicología Ambiental de la UFSC. Se considera que el proyecto alcanzó los objetivos de sensibilización y disseminación de la temática relativa a los beneficios de la naturaleza para el desarrollo humano, la interacción entre las personas y la conexión con la naturaleza.

Palabras clave: Jugar al Aire Libre. Niños. Psicología Ambiental.



INTRODUÇÃO

As demandas atuais como rotinas intensas, trabalho e estudo em locais fechados construídos, fazem com que os espaços verdes públicos sejam discutidos por diversos autores como alternativa para atividades físicas e de lazer, descanso, convivência e para fins lúdicos (BARGOS; MATIAS, 2011). Essas práticas estão relacionadas com a qualidade de vida das pessoas, pois possibilitam benefícios para a saúde mental e física (FONSECA; GONÇALVES; RODRIGUES, 2010). Todavia, no processo de urbanização das cidades e no acinzentamento das ruas, o valor desempenhado pelos espaços verdes no desenvolvimento de crianças e adolescentes foi negligenciado, evidenciando uma infância e adolescência cada vez mais sedentárias (FJØRTOFT, 2004).

No contexto das cidades, os espaços verdes urbanos representam uma alternativa de aproximação com a natureza, já que contam com a presença de parques, bosques, jardins comunitários, reservas naturais, ou ainda, zoológicos, jardins botânicos, entre outros. (CHIESURA, 2004; COMBER et al., 2008; KESSEL et al., 2009; RICHARDSON et al., 2010). Eles podem variar em tamanho, escala, função e localização (GILL et al., 2008; MAAS et al. 2008). Na cidade de Florianópolis, o Plano Diretor do Município, na lei complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014, regulamentada pelo decreto nº 12.925, define os espaços verdes de lazer, na seção II, Art. 52, como “espaços urbanos ao ar livre de uso e domínio público que se destinam à prática de atividades de lazer e recreação, privilegiando quando seja possível a criação ou a preservação da cobertura vegetal” (FLORIANÓPOLIS, 2014).

A presença de espaços verdes urbanos tem um papel importante na preservação dos recursos naturais, na promoção e manutenção da saúde humana, visto que interagem com a biosfera, influenciando na regulação da temperatura do ambiente da cidade (YUAN; BAUER, 2007), no isolamento acústico (GIDLÖF-GUNNARSSON; ÖHRSTRÖM, 2007), nos índices pluviométricos e manutenção dos lençóis freáticos, além da melhoria da qualidade do ar (DAVIES et al., 2008) e outros fatores. Os benefícios para a saúde também são diversos. Pesquisas vêm identificando os efeitos positivos da exposição e da prática de atividades físicas em áreas verdes, gerando diminuição dos sintomas de estresse mental e aumento da capacidade de concentração (CORTI et al., 2005; GRAHN et al., 2010; HANSMAN et al., 2007; LEE; MAHESWARAN, 2010); a restauração psicológica do estresse (KAPLAN, 1995); bem como o aumento do engajamento social (CHIESURA, 2004).

No que tange à saúde de crianças, os estudos apontam a função restauradora do uso de áreas verdes (KORPELA et al., 2002; TAYLOR et al., 2002) e a relação entre os tipos de

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

brincadeiras desenvolvidas nestes contextos com a estimulação de atividades motoras e imaginativas (FJØRTOFT, 2004; JANSSON, 2008; KUH et al., 2014), também sendo usados ora para busca de socialização infantil ora para privacidade (ÄNGGÅRD, 2010; CASTONGUAY; JUTRAS, 2009; CZALCYNSKA-PODOLSKA, 2014; MIN; LEE, 2006). Embora o brincar seja considerado amplamente como uma atividade comum à infância, as brincadeiras e os brinquedos são característicos de cada cultura e de cada momento histórico, ainda que alguns sejam utilizados em diversos momentos. No campo da psicologia do desenvolvimento, as brincadeiras criam condições para o aparecimento de diversos processos de amadurecimento cognitivo, evoluindo em sua complexidade e abstração à medida que acontece a maturação do pensamento do sujeito. (BUJES, 2004).

O brincar exerce significativa influência no processo e aquisição de habilidades pelas crianças ao longo do seu desenvolvimento (CORDAZZO; VIEIRA, 2007), sendo um relevante objeto de pesquisa no campo da Psicologia (HANSEN et al., 2007), já que as atividades lúdicas são vistas no campo científico por meio da caracterização de suas peculiaridades e da identificação das suas relações com a saúde e o desenvolvimento psicológico (RAYMUNDO et al., 2010). No que se refere aos contextos de desenvolvimento, Posner e Vandell (1999) ressaltam que é dentro de diferentes ambientes que os comportamentos são adquiridos, expressados e seus significados são derivados, onde as atividades de um ambiente influenciam e podem ser influenciadas pelas atividades e experiências de outros ambientes.

Partindo de um modelo bioecológico do desenvolvimento humano, proposto por Bronfenbrenner (1999), o ponto crucial para o entendimento do desenvolvimento humano é compreendê-lo como um processo, que só pode ser visto no seu contexto histórico e social, nos quais as relações entre as pessoas e os ambientes são múltiplas, multidirecionais e complexas (SARTORI; NASSER, 2004). Assim, mostra-se necessário ao tratar das brincadeiras na infância, compreender o papel dos ambientes em que elas ocorrem, que no caso em questão refere-se ao Parque com elementos naturais.

No Parque, crianças têm oportunidades para correrem, se equilibrarem, escalarem, deslizarem, balançarem, criar novos objetos para brincadeiras com galhos, folhas, flores e terra (FJØRTOFT, 2001; MACHADO et al., 2016; PERES, 2013). Além disso, essa interação não se restringe aos elementos naturais, mas acontecem também no nível pessoa-pessoa, pois estabelece um sentimento de inclusão e pertença com as demais crianças daquele contexto (DALY; BELOGLOVSKY, 2015), além de permitir oportunidades de compartilhamento, comunicação, cooperação e revezamento entre si (CURTIS; CARTER, 2003).

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

Em uma pesquisa realizada por Luz e Kuhnen (2013), com 40 crianças de 6 a 12 anos, foi evidenciado que a preferência das atividades pelas crianças em quatro espaços urbanos se deu na seguinte ordem: equipamentos, brincar com bola, brincar em grupo, brinquedo próprio, elementos naturais, conversar e observar. As autoras apontaram, ainda, que a percepção de um ambiente seguro, diversificado e flexível favoreceu a prática de socialização e de atividades interativas. Cabe ressaltar que a presença da vegetação possivelmente influencia a exploração do ambiente, estimulando dessa forma o movimento e a identificação das crianças para com o lugar (LUZ; KUHLEN, 2013).

Segundo Ethier (2017), ambientes naturais permitem que as crianças criem momentos de maior bem-estar, alegria e admiração. Esses espaços estimulam sua curiosidade e a contemplação da natureza, desenvolvendo, no momento em que a criança interage com os elementos da natureza, um senso de responsabilidade e cuidado ecológico. De acordo com Carvalho (2006), o acolhimento e a reciprocidade, vividos como norteadores éticos da relação do mundo humano com a natureza, fazem o sujeito questionar sua própria postura onipotente e controladora que tem orientado a formação da sociedade moderna. Por isso, para o autor, o estar contemplativo na natureza tem como desdobramento a possibilidade de formação de um sujeito ético capaz de reconhecer que há uma vida não humana nas coisas da natureza e que ela tem direito a existir e a durar para além das necessidades imediatas do seu consumo.

Além dos benefícios para o desenvolvimento físico e cognitivo, a estimulação de brincadeiras em áreas verdes também gera benefícios no aspecto social da vida das crianças, já que, quando estruturada com uma metodologia que envolva o respeito e a preservação da natureza, pode ser vista como uma atividade de educação ambiental. A participação e o envolvimento de crianças em projetos sociais que estimulem seu desenvolvimento, como atividades educacionais, de lazer, recreacionais, culturais e esportivas tem se tornado um tópico importante no que se refere às oportunidades relacionadas às políticas públicas (SARTORI; NASSER, 2004).

Conforme assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) em seu Art. 59, “Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”. Dessa forma, mostra-se imprescindível que os recursos sejam aplicados em espaços e programas que sejam condizentes com as reais necessidades de desenvolvimento das crianças, bem como, que as pesquisas e projetos de extensão realizados na área contribuam para tanto.

Com relação à participação dos pais ou responsáveis pela criança nas atividades, é importante ressaltar que o nível de interesse nas brincadeiras passa a ser mais significativo à

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

medida que os adultos participam dela, sendo uma importante alternativa no que se refere à interação entre os pais e os filhos, em variados ambientes (BORGES, 2008; PERES, 2013).

No âmbito das universidades, a Política Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2012) soma-se aos diversos esforços em benefício do desenvolvimento sustentável, pois considera que a produção do conhecimento por si só, não agrega valor à sociedade. A extensão sensibiliza os atores nela envolvidos para os problemas sociais, incentiva seu avanço teórico e técnico, ao mesmo tempo em que os responsabilizam pela geração dos impactos de suas ações nas comunidades.

Este artigo relata a experiência e os resultados referentes a doze meses de execução de um projeto de extensão ainda em andamento, realizado no Horto Ecológico do Córrego Grande, em Florianópolis-SC, compreendendo o período entre abril de 2016 a março de 2017. O projeto é desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC e tem por objetivo promover meios de incentivo, construção do conhecimento e difusão de informação sobre o uso de espaços verdes de lazer por pais e crianças, partindo de uma proposta interdisciplinar que envolve a psicologia ambiental, a psicologia do desenvolvimento e a educação ambiental.

As atividades foram desenvolvidas em duas frentes: 1) a sensibilização de pais e crianças sobre os benefícios do uso dos espaços verdes de lazer para o desenvolvimento humano, a partir da execução de atividades lúdicas recreativas; e 2) elaboração e difusão de conteúdo para internet, relacionado ao tema do uso de espaços verdes e desenvolvimento humano, que é feito através da página do laboratório e de uma rede social de grande acesso. Assim sendo, descrever o projeto de extensão, considerando as duas frentes envolvidas nele, mostra-se relevante no meio acadêmico, por propiciar o relato da experiência, servindo como aporte para projetos futuros na área, dada a relevância que as brincadeiras ao ar livre vêm demonstrando no âmbito da pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

A ação de extensão foi desenvolvida no Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina e no Parque Ecológico Municipal Prof. David Ferreira Lima, região central de Florianópolis (SC). No Parque foram executadas Oficinas com crianças acompanhadas de adultos, dentre eles, pais, avós, tios, cuidadores e amigos da família da criança.

Foi desenvolvido um nome fantasia e um logotipo para o projeto, que passou a chamar-se “Natureza Nossa”. Após a criação do nome e logotipo, foi concebida uma página para o projeto no Facebook, na qual foram publicadas matérias sobre saúde mental, desenvolvimento humano e natureza. Igualmente foram disseminados conteúdos na página oficial do laboratório.

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

Foram elaboradas três Oficinas: “Caça aos tesouros da natureza”, “Bingo natural” e “Câmera fotográfica”. Após testes piloto, a Oficina “Caça aos tesouros da natureza” foi selecionada, pois se percebeu que a mesma atendia plenamente aos objetivos do projeto, sendo esta a única Oficina desenvolvida no período em que o mesmo aconteceu. Esta Oficina é composta por um kit de instrumentos que visam à coleta dos tesouros na natureza, partindo de uma proposta onde os tesouros são algo encontrado na natureza, como folhas, flores, galhos, pedras entre outros. Os elementos estão em uma lista entregue aos participantes, junto com o mapa do Parque e um recipiente para armazená-los e são divididos por classes sensoriais de reconhecimento, como “coisas que podem ser tocadas” e “coisas que tem cheiro”.

Assim, membros do Laboratório de Psicologia Ambiental, participantes do projeto, abordavam famílias com crianças que estivessem no Parque. Apresentavam-se, descreviam o projeto e seus objetivos, oferecendo às famílias a oportunidade de participação na Oficina. Caso desejassem participar, a criança e seu responsável recebiam uma lista de características de elementos a serem encontrados na natureza, divididos em quatro grupos temáticos que exploram os sentidos do tato, olfato, audição e visão. Desse modo, criança e adulto, em diferentes espaços do Parque, procuravam e coletavam juntos elementos soltos, cada um com uma das seguintes características: elemento áspero, macio, liso, ondulado, úmido e gelado (sentido do tato); elemento que cheira bem, que cheira mal, elemento cujo cheiro traga boas lembranças (sentido do olfato); elemento que produz um som alto, um som baixo, um som agradável, um som irritante (sentido da audição); elemento bonito, feio, colorido, escuro e claro (sentido da visão).

Os elementos eram recolhidos pelas famílias que, ao final do período (aproximadamente 20 minutos), voltavam a se reunir com os instrutores. Nesse momento, os participantes comentavam suas descobertas, item a item, e montavam com os objetos uma figura a sua escolha. Ao final, a figura era desmontada e os participantes devolviam os elementos soltos à natureza.

O participante responsável pela criança também respondia, ao final da Oficina, a um questionário para a avaliação da experiência vivenciada pela família no Parque. As questões abordavam a experiência em si - seja ela individual ou coletiva, a preferência por visitas a locais com natureza, a frequência das visitas e a motivação para visitar o Parque em questão, bem como aspectos operacionais da Oficina, relativos à equipe, a infraestrutura do Parque, a clareza das instruções recebidas para a execução da Oficina, dentre outros. Com o intuito de manter as famílias em contato com os temas abordados no projeto, marcadores de páginas com o logotipo do projeto e links para a página no Facebook e do laboratório foram entregues ao final das Oficinas.

RESULTADOS E ANÁLISES

No que tange à elaboração e difusão de conteúdo para a internet, relacionado ao tema do uso de espaços verdes e desenvolvimento humano, foram publicadas 35 postagens na página do projeto em uma rede social de grande acesso e 7 no site do Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC. Até março de 2017, a página possuía 253 seguidores, e seus conteúdos haviam sido visitados ou visualizados por 5.648 pessoas.

A publicação com maior alcance total foi feita em 9 de março de 2017, com 1.171 pessoas atingidas. Divulgou-se um estudo sobre a importância de sentir o cheiro da natureza para auxiliar no tratamento de algumas doenças, afirmando que os cheiros reduzem o estresse e a pressão do corpo humano, bem como estimulam moléculas que combatem o câncer¹. Essa publicação contou com 53 reações, 2 comentários e 8 compartilhamentos.

A publicação com maior número de reações (201) foi feita em 16 de setembro de 2016, contando ainda com 3 comentários, 22 compartilhamentos e alcance de 575 pessoas. Apresentou uma pesquisa de Izenstark e Ebata², na qual os pesquisadores falam sobre os benefícios da exposição à natureza para a atenção, em situações que o contato com a natureza acontece em família.

Outra publicação de destaque foi feita em 1º de setembro de 2016, com uma entrevista em que Richard Louv fala sobre a importância do contato das crianças com a natureza – até mesmo como instrumento pedagógico, a (des)valorização da natureza pela mídia, a redução no uso de medicamentos para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade por crianças expostas à natureza, entre outros temas³. Essa publicação gerou 23 compartilhamentos, 134 reações, 4 comentários e atingiu 990 pessoas.

De agosto de 2016 a março de 2017, foram executadas 23 Oficinas e outras 4 precisaram ser interrompidas por motivos diversos: chuva durante a atividade; pela desistência da criança ou falta de envolvimento de um dos cuidadores e pela atividade não atingir as expectativas dos participantes. Participaram das Oficinas 41 crianças, 26 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com idades que variaram entre 3 a 11 anos, e média de idade de 6 anos e 2 meses. As crianças foram acompanhadas por 39 adultos, 23 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Eles

¹ <http://www.hypeness.com.br/2017/03/cheiro-de-mato-odores-emitidos-pela-natureza-podem-evitar-estresse-e-cancer/>

² <http://news.aces.illinois.edu/news/how-can-family-function-better-get-outside-together>

³ <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/blog-do-planeta/noticia/2016/06/estamos-sofrendo-o-transtorno-de-deficit-de-natureza.html>

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

faziam parte do ciclo de relacionamentos da criança, desempenhando o papel de pai, mãe, tio, tia, avó, amigos de pais, cuidadores de amigos dos filhos.

Dentre os 39 adultos participantes das Oficinas, 21 deles aceitaram responder o questionário de *feedback* do projeto. As avaliações apontaram que o projeto representa uma oportunidade para brincar em família, além de lembrar a infância, de forma a fazer com que os adultos desejem reviver com as crianças as experiências positivas que eles tiveram na natureza quando eles eram crianças. Também assinalaram que na atualidade as crianças estão menos expostas a tais experiências já que permanecem mais tempo dentro de apartamentos ou no espaço construído das escolas e, portanto, as Oficinas serviram como estímulo para realizarem mais atividades ao ar livre na natureza. Finalmente, consideraram que é uma possibilidade de trabalho em equipe e também de aprender o que a natureza tem a oferecer e a importância de preservá-la.

Dentre as palavras que a atividade na natureza evocou, as com maior frequência foram: tranquilidade, alegria, harmonia, diversão, encantamento, concentração, interação, experiência – o que leva a crer que as Oficinas propiciaram integração entre adultos e crianças, e que a interação das pessoas com a natureza pode estimular conexão e sensação de bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto procurou sensibilizar adultos e crianças quanto ao uso de espaços verdes, a partir de duas atividades distintas: Oficinas realizadas ao ar livre e divulgação de conteúdo relativo à temática na internet. Considera-se que foi possível sensibilizar os participantes das Oficinas sobre os benefícios do uso dos espaços verdes, tanto como alavanca de desenvolvimento humano bem como locais promotores de reconexão pessoa-pessoa e pessoa-natureza. O alcance das postagens na internet também indicou ampla disseminação do conteúdo sobre os benefícios da natureza, demonstrando que o projeto alcançou os objetivos almejados.

REFERÊNCIAS

ANGGARD, E. Making use of Nature in an outdoor preschool: Classroom, home and fairyland. *Children, Youth and Environments*, 20(1), 2010. P. 4-25.

BARGOS, D. C.; MATIAS, L. F. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. *REVSBAU*, Piracicaba – SP, v.6, n.3, p.172-188, 2011. Disponível em: <http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo169-publicacao.pdf>. Acesso em 01. jun. 2017.

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

BORGES, A. L. A. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 7, p.120-126, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/viewFile/20106/10738>. Acesso em: 18/06/2017.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Manaus (AM), 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em 29/08/2017.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

BUJES, M. I. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2004. p. 205- 228.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

CASTONGUAY, G.; & JUTRAS, S. Children's appreciation of outdoor places in a poor neighborhood. *Journal of Environmental Psychology*, 29, 2009. P. 101-109. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494408000418> . Acesso em> 25/07/2017.

CHIESURA, A. The role of urban parks for the sustainable city. *Landscape and Urban Planning*, 68, 2004. P. 129-138. Disponível em: <http://isfahan.ir/Dorsapax/userfiles/file/urbanlatin.pdf>. Acesso em: 25/07/2017.

COMBER, A.; BRUNDSON, C.; & GREEN, E. Using a GIS-based network analysis to determine urban greenspace accessibility for different ethnic and religious groups. *Landscape and Urban Planning*, 86, 2008. P. 103-114. Disponível em: http://eprints.maynoothuniversity.ie/5898/1/CB_GIS.pdf. Acesso em 25/07/2017.

CORDAZZO, S T. D.; MARTINS, G. D. F.; MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. Perspectivas no estudo do brincar: um levantamento bibliográfico. *Aletheia*, n.26, p.122-136, jul./dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200011. Acesso em: 15/08/2017.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 92-104, abr. 2007. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a09.pdf>. Acesso em: 02/09/2017.

CURTIS, D.; CARTER, M. Design for living and learning: transforming early childhood environments. St, Paul, Redleaf Press, nº 450, 2003.

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

CZALCZYNSKA-PODOLSKA, M. The impact of playground spatial features on children's play and activity forms: An evaluation of contemporary playground's play and social and social values. *Journal of Environmental Psychology*, 38, 2014. P. 132-142. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494414000097>. Acesso em 25/07/2017.

DALY, L.; BELOGLOVSKY, M. Loose parts. Inspiring play in young children, St. Paul, MN: Redleaf Press, 2015.

DAVIES, R. G.; FULLER, R. A.; TRATALOS, J.; GASTON, K. J. City-wide relationships between green spaces, urban land use and topography. *Urban Ecosystems*, 11, 2008. P. 269-287. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=EFD01171CD874A2C134239BF4A45A3BD?doi=10.1.1.521.4873&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 25/07/2017.

ETHIER, S. Developmental benefits of play on a natural playground. (Projeto) University of Victoria (Canadá), 2017. Disponível em: https://dspace.library.uvic.ca/bitstream/handle/1828/8057/Ethier_Shelley_MEd_2017.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 25/07/2017.

FJORTOFT, I. Landscape as Playscape: The Effects of Natural Environments on Children's Play and Motor Development. *Children, Youth and Environments*, 14(2) (2004).

FJORTOFT, I. The Natural Environment as a playground for children: the impact of outdoor play activities in pre-primary school children. *Early Childhood Education Journal*, vol 29, nº 2, 2001. Disponível em: <http://www.imaginationplayground.com/images/content/3/0/3002/The-Natural-Environment-As-A-Playground-For-Children-The-Impac.pdf>. Acesso em 25/07/2017.

FLORIANÓPOLIS. Decreto n. 12.925/2014, de 17 de janeiro de 2014. Dispõe sobre a política de desenvolvimento urbano, o plano de uso e ocupação, os instrumentos urbanísticos e o sistema de gestão. Plano Diretor: Lei Municipal Complementar. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-florianopolis-sc-2015-12-09-versao-consolidada>

FONSECA, F.; GONÇALVES, A.; RODRIGUES, O. Comportamentos e Percepções sobre os espaços verdes da cidade de Bragança. *Finisterra*, XLV, 89, 2010, pp. 119-139. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272010000100007>. Acesso em 01. jun. 2017.

GIDLÖF-GUNNARSSON, A. G.; ÖHRSTRÖM, E. Noise and well-being in urban residential environments: The potential role of perceived availability to nearby green areas. *Landscape and Urban Planning*, 83, 2007. Pág. 115-126.

GILL, S. E.; HANDLEY, J. F.; ENNOS, A. R.; PAULEIT, S.; THEURAY, N. L.; SARAH, J. Characterising the urban environment of UK cities and towns: A template for landscape planning. *Landscape and Urban*, 87, 2008 - pág. 210-222.

GILES-CORTI, B.; BROOMHALL M. H.; KNUIMAN, M.; COLLINS, C.; DOUGLAS, K.; NG, K. LANGE, A. DONOVAN, R. J. Increasing walking: How important is distance to, attractiveness, and size of public open space? *American Journal of Preventive Medicine*, 28, 2005. P. 169-176.

Projeto natureza nossa: um relato de experiência

GRAHN, P.; STIGSDOTTER, U. K. The relation between perceived sensory dimensions of urban green space and stress restoration. *Landscape and Urban Planning*, 94, 2010. P. 264-275.

HANSEN, J.; MACARINI, S. M.; MARTINS, G. D. F.; WANDERLIND, F.; VIEIRA, M. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Humano*, 17(2), p. 133-143, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19840>. Acesso em: 10/10/2016.

HANSMANN, R.; HUG, S. M.; SEELAND, K. Restoration and stress relief through physical activities in forests and parks. *Urban Forestry & Urban Greening*, 6, 2007. P. 213-225.

JANSSON, M. Children's perspectives on public playgrounds in two Swedish communities. *Children, Youth and Environments*, 18(2), 2008. P. 87-109.

KAPLAN, S. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. *Journal of Environmental Psychology*, 15, 1995. P. 169-182. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.500.4202&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em 25/07/2017.

KESSEL, A.; GREEN, J.; PINDER, R.; WILKINSON, P.; GRUNDY, C.; LACHOWYCZ, K. Multidisciplinary research in public health: A case study of research on access to green space. *Public Health*, 123, 2009. P. 32-38. Disponível em: <http://isfahan.ir/Dorsapax/userfiles/file/multidisciplinary.pdf>. Acesso em 25/07/2017.

KORPELA, K.; KYTTA, M.; HARTIG, T. Restorative experience, self-regulation, and children's place preferences. *Journal of Environmental Psychology*, 22, 2002. P. 387-398.

KUH, L. P.; PONTE, I.; CHAU, C. The impact of a natural playscape on young children's play behaviors. *Children, Youth and Environments*, 23(2), 2013. P. 49-77.

LEE, A. C. K.; MAHESWARAN, R.. The health benefits of urban green spaces: a review of the evidence. *Journal of Public Health*, 33, 2010. P. 212-222.

LUZ, G. M.; KUHNEN, A. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento de brincar em praças públicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 552-560, 2013.

MAAS, J.; VERHEIJ, R. A.; SPREEUWENBERG, P.; GROENEWEGEN, P. P. Physical activity as a possible mechanism behind the relationship between green space and health: A multilevel analysis. *BMC Public Health*, 8, 2008. Pág. 01-13.

MACHADO, Yasmin Sauer et al. Brincadeiras infantis e natureza: investigação da interação criança-natureza em parques verdes urbanos. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 2, p. 655-667, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000200014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.2-14Pt>.

MIN, B.; LEE, J. Children's neighborhood place as a psychological and behavioral domain. *Journal of Environmental Psychology*, 26, 2006. P. 51-71.

PERES, P. M. S. **Percepção da interação criança-natureza por cuidadores no Parque Municipal da Lagoa do Peri, em Florianópolis, Santa Catarina.** 2013. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PPSI0542-D.pdf>>

POSNER, J. K; VANDELL, D. L. After-school activities and the development of low-income urban children: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 35, 1999. P. 868–879. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.475.4379&rep=rep1&type=pdf> Acesso em 25/07/2017.

RAYMUNDO, L. D. S.; KUHLEN, A.; SOARES, L. B. O espaço aberto da educação infantil: lugar para brincar e desenvolver-se. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n.2, p. 251-270, ago. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2010v16n2p251>. Acesso em: 27/05/2017.

RICHARDSON, E.; PEARCE, J.; MITCHELL, R.; DAY, P.; KINGHAM, S. The association between green space and cause-specific mortality in urban New Zealand: an ecological analysis of green space utility Research article. *BMC Public Health*, 10, 2010. P. 01-14.

SARTORI, R., F.; NASSER, J. P. Ecologias, psicologia ecológica e políticas públicas de lazer. In: KOLLER, Sílvia (org.) *Ecologia do Desenvolvimento Humano* - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. pág. 381-400.

TAYLOR, A. F.; KUO, F. E.; SULLIVAN, W. C. Views of nature and self-discipline: Evidence from inner city children. *Journal of Environmental Psychology*, 22, 2002. P. 49-63.

YUAN, F.; BAUER, M. E. Comparison of impervious surface area and normalized difference vegetation index as indicators of surface urban heat island effects in Landsat imagery. *Remote Sensing of Environment*, 106, 2007. P. 375 386.

Recebido em: 26/09/2017

Aceito em: 06/12/2018